



Universidade Federal
de Campina Grande

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Centro de Humanidades - CH

Unidade Acadêmica de Geografia - UAG

Curso de Geografia

CAUÊ SOUTO VIEIRA

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE DO FUTEBOL COMUNITÁRIO NO CONJUNTO
SEVERINO CABRAL EM CAMPINA GRANDE - PB

Campina Grande - PB

2023

CAUE SOUTO VIEIRA

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE DO FUTEBOL COMUNITÁRIO NO CONJUNTO
SEVERINO CABRAL EM CAMPINA GRANDE - PB

Artigo apresentado ao Curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho

Campina Grande - PB

2023

V657e

Vieira, Cauê Souto.

Espaços de sociabilidade do futebol comunitário no conjunto Severino Cabral em Campina Grande - PB / Cauê Souto Vieira. - Campina Grande, 2023.

20 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho."

Referências.

1. Futebol Amador. 2. Prática do Esporte. 3. Práticas Sociais. 4. Paisagem Urbana. 5. Ocupação dos Espaços. 6. Comunidades. 7. Campo da Feirinha do Severino Cabral. I Carvalho, Luiz Eugênio Pereira. II. Título.

CDU 91:796.034.2(043)

Resumo:

O futebol amador, ou comunitário, é uma modalidade do esporte que, ao não estar sujeita às organizações profissionais, produz um espaço próprio, urbano e que vai de encontro com a produção estatal e privada, ligado às comunidades locais, como bairros, entre outras associações, constituindo práticas sociais que modificam a paisagem e movimentam o cotidiano. No Severino Cabral, conjunto do bairro de Bodocongó, no município de Campina Grande, o futebol amador é representado pelo campo de futebol - campo da feirinha - e suas agremiações e que possui uma dinâmica heterogênea visto que, no dia a dia ela apresenta um espaço de pouca interação com o restante da comunidade, ocorrendo uma mudança em dias de jogos, quando a paisagem é alterada e as relações sociais se voltam para a prática do esporte e suas dinâmicas. O presente trabalho busca identificar e descrever as práticas sociais relacionadas ao futebol amador no campo da feirinha do Severino Cabral, através das agremiações e outros agentes. À medida em que o espaço urbano cresce, necessitando de novas áreas para instalações diversas, ocorrem ocupações de campos de futebol amador, situação essa que desagrega comunidades futebolísticas. Com o avanço e popularização das mídias sociais via internet, o futebol amador ganha novos espaços de prática, como os blogs especializados e canais de vídeos com transmissões de jogos.

Palavras chave: Futebol amador; Paisagem urbana; Ocupação dos espaços.

1. INTRODUÇÃO

Ao nos depararmos com o tema ‘Futebol’, surge no imaginário imediato uma partida do esporte. Porém, ao analisarmos o esporte brevemente por uma outra ótica, podemos observar como este se configura como um fenômeno econômico, cultural e social que abarca torcedores, espectadores, jogadores entre outros agentes e que, pelas relações entre o global e o local, muda a paisagem tanto urbana quanto rural em que este se insere. Nesse sentido de prática, ocorre uma separação entre aquele futebol considerado profissional, ou espetacularizado, ligado às federações e outras organizações internacionais e nacionais, tal qual a Confederação Brasileira de Futebol - CBF, e o futebol amador, ou comunitário, que, apesar de não gozar do status em que se encontra o primeiro, possui sua produção espacial própria.

No município de Campina Grande, após o processo de profissionalização do esporte ser estabelecido, nos anos 1950, novos clubes surgem com outro propósito que não a busca pela vinculação com o futebol federado e suas regulamentações, passando a ser clubes com cunho recreativo para os moradores dos bairros e distritos. Apesar de não haver uma entidade única que unia esses clubes e promovia campeonatos, os próprios vão criando redes entre si, buscando fomento para formar ligas e copas. Assim ocorre no conjunto Severino Cabral¹, no bairro de Bodocongó, onde, desde a sua formação, ocorre a formação de clubes e de campos para a prática do esporte, vinculadas sobretudo com a feirinha do bairro. O campo da feirinha, objeto da presente pesquisa, é palco de uma dessas manifestações sociais, já que esse espaço abriga três agremiações futebolísticas que produzem e se relacionam com a comunidade local, através da participação dos moradores enquanto jogadores, organizadores, torcedores e espectadores, produzindo assim uma paisagem própria nos dias de jogos.

Apesar desse espaço movimentar o bairro e aparentemente ser assegurado pelo poder político, os seus agentes o veem como uma remanescente nessa questão, já que, com a crescente urbanização e a necessidade de novos locais para moradias e/ou empreendimentos públicos e privados, os campos de futebol utilizados anteriormente foram sendo extintos em detrimento desses. O bairro de Bodocongó, que abriga o conjunto em questão, já foi palco de diversos campos e clubes, tendo seu auge, segundo os entrevistados, nos anos 1980, quando ocorreu a mudança da feira do bairro e o estabelecimento do conjunto, aumentando o número de moradores. O campo da feirinha, é inclusive um dos remanescentes do bairro, sendo o

¹ Conjunto habitacional popular criado pela prefeitura nos anos 1980. Esse tipo de conjunto habitacional se popularizou nas décadas de 1960 e 1970 visando cumprir a necessidade de novas moradias para as camadas mais populares.

espaço de agremiações diversas que possuem uma ligação intrínseca com o cotidiano dos moradores, visto que desde os jogos até o uso das sedes movimentam os agentes, que vão dos jogadores até os vendedores dos bares ao redor.

O presente trabalho tem como objetivo compreender a dinâmica em torno do futebol amador local e suas manifestações, a partir da descrição dos aspectos da sociabilidade do campo da feirinha, com base em entrevistas realizadas durante as pesquisas de campo em datas de jogos do Santa Cruz, clube em atividades no período, ocorridas entre os meses de abril e maio de 2023, pela 6ª copa Dimas Andrade, torneio que reuniu clubes da zona oeste do município. As entrevistas foram realizadas com representantes das agremiações locais, nas figuras de Francisco de Assis Pereira, popular Chico Falcão, um morador pioneiro do conjunto e articulador do futebol na feirinha, que além de nos contar um histórico sobre a prática esportiva, nos auxiliou com informações sobre outras agremiações, como o Juventus. Sobre as outras agremiações, foram realizadas entrevistas com Jadilson Barbosa da Silva, atual representante do Santa Cruz e com Roberto da Silva Santos, um dos organizadores do racha Sociedade Esportiva União.

2. O FUTEBOL E A GEOGRAFIA

O futebol passa de fenômeno local britânico para alcançar sua popularidade mundial com a expressiva migração de trabalhadores ingleses, sobretudo os marinheiros e os funcionários de companhias ferroviárias. Foram estes trabalhadores que, ao praticarem o esporte como forma de diversão em seus momentos vagos, deram origem direta ou indiretamente aos primeiros clubes de futebol em países europeus, como Alemanha, Itália e Espanha, bem como na América do Sul, casos da Argentina, Uruguai e Brasil. Diretamente, pois, alguns desses trabalhadores formaram clubes para a prática do esporte, que geralmente traziam em seu nome a relação com a categoria de trabalho, caso dos mineiros e ferroviários, sendo estes porém, espaços de prática restritos aos estrangeiros, o que dificultou a difusão local por este meio diretamente. De forma indireta, ao praticarem de forma recreativa o futebol em espaços públicos nos horários de lazer, os ingleses eram observados por curiosos locais, que procuravam imitar aquela atividade e assim difundir-la entre seus pares, sendo ambos os meios ocorrendo nos grandes centros e em cidades portuárias (MASCARENHAS, 2014).

Uma outra via de difusão do futebol ocorreu por meio da migração de locais para Inglaterra, sobretudo de estudantes advindos das elites locais, e que naquele país observaram e

aprenderam o esporte, retornando com bolas e livros de regras, dando início a clubes em seus locais de origem. Foi o caso da chegada do futebol no estado da Paraíba, em 1908 em João Pessoa e em 1910 em Campina Grande, este último pelos esforços de Antônio Bióca, que além de ter iniciado o processo de difusão no município, criou os primeiros clubes, entre eles o Treze Futebol Clube (fundado em 1925), pelo qual ficou mais conhecido (MEDEIROS, 2006).

Nesse contexto de difusão espacial do esporte, no campo da Geografia, o futebol passa a ser estudado a partir das diferentes formas de produção do espaço ocasionadas pelo objeto. Como marcos para o estudo do futebol no âmbito da Geografia, recorreremos aos esforços do professor Gilmar Mascarenhas, cujo trabalho mais destacado, o livro *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, apresenta um panorama do esporte no Brasil, desde sua chegada, passando pelos fenômenos de difusão e prática locais, a integração em um campeonato nacional, bem como as configurações de estádios e praças esportivas, culminando com a modernização do esporte, “Em suma, este livro pretende oferecer um olhar eminentemente geográfico, por isso inovador, sobre o processo histórico de formação do chamado “país do futebol” – com todas as dificuldades inerentes a essa ousada empreitada.”(MASCARENHAS, 2014, p. 21). A produção local através do esporte, apresentado pelo autor ao longo dos primeiros capítulos, vai além do meio da difusão do esporte, visto que, apesar do estabelecimento do mesmo em escala nacional, cobrindo áreas urbanas e rurais, a sua estruturação ocorre de formas variadas, observada sobretudo na relação entre clubes e federações locais, bem como na transformação da paisagem a partir dessa prática social, com a inserção de trabalhadores, sobretudo negros, no caso do Brasil, em ambientes que eram inicialmente definidos para as elites, ocorrendo uma subversão na ocupação dos espaços urbanos, ocorrendo sua popularização.

Gallego Campos (2009) aponta que, tanto o futebol profissional quanto o amador, expressam as dinâmicas próprias do futebol moderno e espetacularizado, promovidas pela globalização e observadas em aspectos dentro e fora do jogo, ao mesmo tempo em que apresentam suas próprias formas de produção espacial a partir do esporte, compreendidas como localismo. Exemplificando, no futebol profissional, apesar da modernização observada nas últimas décadas, tanto na estrutura das ligas quanto dos clubes, há grupos de torcedores e atletas que resistem a mudanças ou promovem as suas próprias práticas, como a utilização de indumentária que fazem alusão a movimentos políticos ou sociais. No caso do futebol amador, apesar de gozar de uma identidade própria desenvolvida pela falta da regulamentação que

incorre no circuito profissional, também nela encontramos as tentativas de importar modelos que se observa no futebol espetacularizado, como a adoção de uniformes, músicas, maneirismos ou transmissões de partidas, baseados nas condições materiais disponíveis.

O futebol é o esporte mais praticado e assistido a nível mundial². No Brasil, popularmente conhecido como “país do futebol”, ele é presente no cotidiano urbano e rural, seja na transmissão de campeonatos nacionais e internacionais, seja na forma de atividade física em escolas ou mesmo em descontraído passatempo entre amigos. Sua prática, todavia, pode ser observada a partir das relações sociais que atravessam o campo e a bola e se expressam nas comunidades. Como pontua Campos (2009, p.135): “Desta forma, a prática social do futebol penetra na prática espacial cotidiana, fazendo com que ela seja puncionada por momentos de presença. A prática social do futebol se organiza em torno do “aqui e agora”, ou seja, do espaço (o corpo) e do tempo (presente), assim, se fundamenta na escala do tátil, na presença e no presenteísmo.”

Desde os seus primórdios ainda na Inglaterra, o futebol apresentou uma configuração no seu espaço que rompeu com suas aspirações iniciais. O que era um esporte praticado e prestigiado pela elite local, vai aos poucos se entremeando nas camadas mais populares, ao passo em que trabalhadores, negros e outros grupos subalternos vão se familiarizando com o jogo. Essa popularização foi responsável, entre outras coisas, pela profissionalização do esporte, visto que este atraía um número cada vez maior de pessoas, havendo assim uma crescente criação de clubes e a necessidade de produção de novas praças para a realização de jogos, o que marcou a necessidade de se regulamentar e controlar os rumos através das primeiras organizações voltadas para o futebol (MASCARENHAS, 2014). Após uma expansão global e crescimento cada vez maior no atendimento às ligas, o esporte passa por uma modernização que se inicia com as transmissões televisivas, que mudam a relação de se consumir os jogos até padronização dos estádios, utilizando como base o relatório Taylor sobre os incidentes ocorridos nos estádios de Halsey e Hillsborough, transformados em arenas multiusos, segregando o acesso a um grupo cada vez menor em razão da majoração dos ingressos. (SIMÕES, 2017).

Ao se observar o futebol amador como um modelo de prática anterior a profissionalização e conseqüente espetacularização, tem-se os elementos que outrora figuraram no espaço dos clubes dessa modalidade. A formação dos clubes enquanto

² De acordo com statisticsanddata.org do período de 1930-2022

representação de grupos de locais como bairros, vizinhanças, categorias de trabalho entre outros, possibilitou a criação de uma sociabilidade que passam da prática do esporte e desta de volta para os grupos. De acordo com Campos (2009, p.135):

Dentro do contexto do espaço de representação do futebol, prática social do futebol são todas e quaisquer relações sociais produzidas pelo futebol. Vai desde o ir ao estádio, o jogar, o torcer, até os comentários produzidos pela partida ou pelo jogo e seus bastidores. Entender a prática social do futebol é passo fundamental para compreender a construção do espaço de representação do futebol, pois são nas relações da vida cotidiana pós-moderna que vão circular, ser criadas e modificadas as representações sociais. A socialidade pauta esta prática, sobretudo no que se refere às manifestações do futebol amador e àquelas realizadas pelos torcedores tanto do amador quanto do profissional.

A partir dessas considerações, observamos que o futebol amador praticado no Brasil, a exemplo do objeto da presente pesquisa, é sobremaneira uma representação dos locais em que o esporte está inserido. Os elementos que produzem o espaço de prática dessa modalidade não se limitam ao espaço físico do campo, pelo fato dos agentes serem os moradores que participam do cotidiano dos locais, ocorrendo um movimento de dentro para fora e de fora para dentro do campo, diferente do futebol profissional, onde há uma série de agentes que extrapolam o espaço físico dos clubes e de suas comunidades, seja na terceirização de serviços, seja no marketing que se faz com a “marca” dos clubes.

Durante os processos de organização do futebol, cada local apresentou uma relação diferente quanto aos processos de profissionalização do esporte, tendo na Inglaterra, berço da prática, ocorrido ainda no final do século XIX, fato relacionado ao grande atendimento de público dos jogos, alguns desses ultrapassando os 80 mil espectadores, o que impulsionou a transformação, pela liga local, em mercadoria. O mesmo processo ocorreria no Brasil na década de 1930 nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, onde, além da questão do aumento do público interessado pelo esporte, proporcionou também a regularização de jogadores advindos das classes trabalhadoras e populares, sobretudo a de atletas negros, fato que impulsionou ainda mais a popularidade do jogo (MASCARENHAS, 2014). No estado da Paraíba, o processo de profissionalização das ligas só seria consolidado nos anos 1950, quando ocorre a unificação dos campeonatos, que passam a ser disputados seguindo calendário próprio e com regulamentação e pagamento de atletas e dirigentes (MEDEIROS, 2006).

Apesar da profissionalização do esporte e da criação de ligas nacionais e internacionais, o futebol amador permaneceu enquanto prática recorrente em alguns locais. O futebol amador, ou “comunitário”, seria o meio termo entre o futebol de matriz bricolada, ou

seja, aquele realizado de forma mais despreziosa, em campos improvisados e com regras mais flexíveis, e o futebol profissional, ou “espetacularizada”, onde a estrutura está vinculada aos organismos internacionais (FIFA e Organizações Continentais/ Regionais) e nacionais (como a CBF), e as organizações estaduais, no caso do Brasil (MASCARENHAS, 2014).

Em Campina Grande, os limites do início dessa prática se confundem com a profissionalização dos clubes locais. Sabe-se que, após a incorporação dos clubes locais ao campeonato estadual em 1950, dissolvendo a Liga Desportiva Campinense, ocorre a fundação de novos clubes em diversos bairros do município. Essas novas agremiações não buscam se integrar à federação estadual, visto que a modalidade agora apresenta uma série de regulamentações, como a necessidade de campos padronizados e pagamento de atletas, criando-se assim, ligas próprias e com caráter amador (ou “racha”, como também é conhecido localmente). Nesse circuito, surgem clubes que representam diversos bairros, ocorrendo a ocupação de espaços diversos para a prática esportiva, condição que transforma a paisagem urbana.

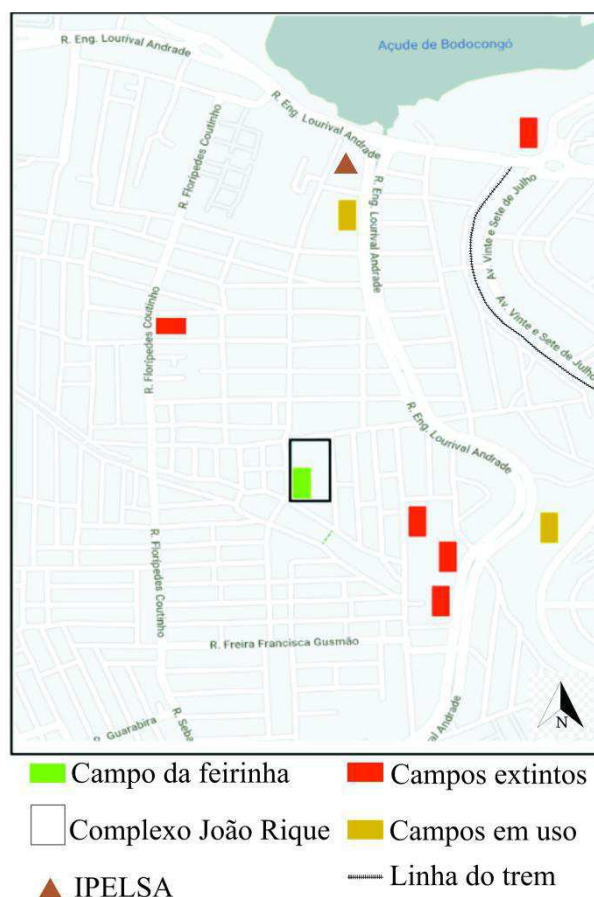
O futebol amador por ser uma modalidade que não segue uma regulamentação direta de federações estaduais, é produzido de maneiras diferentes, partindo do histórico da prática esportiva em determinado local. Em desacordo com outras ligas de futebol amador como em Curitiba-PR, onde os clubes que participam do campeonato local (suburbana), necessitam de um campo que apresentem, entre outras condições, de muros e arquibancadas, visto que os jogos são acessados mediante pagamento de torcedores (OLIVEIRA 2014), os campeonatos ocorridos em Campina Grande seguem um regulamento menos rígidos, observados sobretudo na falta de uma liga que uniformize os campeonatos e a participação dos atletas nos clubes. No caso do campo da feirinha do Severino Cabral, objeto dessa pesquisa, os elementos que compõem as relações sociais e materiais que se observam nos dias atuais, são reflexos de uma construção histórica que perpassa a ocupação do próprio bairro, com agentes promotores que acompanham esse processo desde o seu início bem como na continuidade de práticas vinculadas ao esporte, posteriormente abordado.

3. O CAMPO DA FEIRINHA - A ORIGEM DESSE ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

O conjunto Severino Cabral, localizado no bairro de Bodocongó, zona oeste de Campina Grande, teve sua oficialização no ano 1981, a partir de uma obra pública que visava expandir o número de habitações no município, tendo inicialmente um número de 605 casas populares, bem como escola e espaço de convivência e lazer, sendo esta última denominada de centro de atividades João Rique (figura 1). Este espaço foi consolidado em 1984, quando

houve a transferência da feira do bairro, anteriormente localizada na rua da atual SAB, e que, além de abrigar essa atividade econômica, também conta com uma unidade básica de saúde (UBSF João Rique) e o campo de futebol. Segundo o morador Francisco de Assis Falcão, popularmente chamado de Chico Falcão, o primeiro campo construído foi ainda em 1982, quando os novos moradores observaram a necessidade de se constituir um espaço destinado ao lazer, resultando então em um processo de autoconstrução do campo, sendo essa, segundo o entrevistado, uma das formas de interação e aproximação dos moradores. Falcão, que participou das obras da feirinha, conta que os próprios moradores fizeram a demanda por um campo aos executores da obra e ao então prefeito, Enivaldo Ribeiro, durante as fiscalizações do andamento das construções. Com o aval do poder público e através do maquinário já disposto no local, o atual campo foi executado juntamente com o restante das obras do centro de atividades.

Figura 1: Localização do complexo, seu campo e a condição de outros campos



Fonte: Produzido pelo autor, 2023.

De acordo com Chico Falcão, o bairro ainda contava, naquele período, com outros campos de futebol, localizados onde atualmente são o centro de zoonoses, a escola estadual Reitor Edvaldo do Ó e a Sucam. Os mesmos foram extintos pela necessidade de se instalar esses serviços públicos, fato esse que fez aqueles jogadores buscarem novos espaços para a prática esportiva nas proximidades. Outro campo citado era o do Santa Adélia, clube pioneiro no conjunto e que se localizava em área adjacente ao cemitério, tendo este extinto pela demanda imobiliária de novas moradias populares, uma constante no histórico do futebol amador urbano. Ainda houve campos de futebol que foram paulatinamente tendo sua utilização interrompida, como os campos do Têxtil e da Ipelsa, que ficavam adjacentes à estrada de ferro. Esse último nomeia um campo atualmente, mas em outra localidade vizinha à própria fábrica (ver figura 1).

A partir desses campos localizados no bairro, surgem clubes amadores que organizam e participam de ligas e jogos no bairro e fora dele. Desde os anos 1980 até o presente momento, o campo da feirinha já sediou clubes e rachas e, com a transformação do espaço da feira com o passar dos anos, sobretudo com a mudança de estruturas de madeira e lona para a alvenaria, as agremiações remanescentes buscaram criar seus próprios espaços, utilizando sobremaneira a autoconstrução, característica observada inicialmente em outros campos de futebol. Esses espaços se constituem como as sedes dos clubes ali instalados, no sentido de servirem para os propósitos de armazenamento de materiais, tais como padrões de jogos, bolas, redes de traves, assim como na guarda de troféus, importantes itens que recordam episódios marcantes para a história dos clubes e do campinho. Além disso, as sedes são importantes para as atividades sociais em dias de jogos, como a concentração do time antes de adentrar em campo, e em dias extra jogos, para a reunião de pautas deliberativas dos clubes. Esta última atividade, segundo Chico Falcão, vem se perdendo com o tempo, devido às mudanças que ocorreram na estrutura do futebol amador do município durante as últimas décadas. Em suas palavras: “antes, na década de 1980 e 90, os clubes, as diretorias se reuniam no sábado, para debater os problemas do clube, definir umas pendências”. Apesar dessas mudanças, ainda é possível observar as relações sociais advindas do futebol amador nos clubes que estavam em atividade nos dias correntes, abordados no próximo item.

4. AGREMIÇÕES RECREATIVAS DA FEIRINHA

Atualmente, existem três agremiações na feirinha, sendo dois clubes e um “racha”. Esta última nomeclaturar trata-se de uma associação de jogadores que praticam jogos esporádicos e de forma recreativa, sem fins competitivos, porém utilizando um mínimo de regras próprias.

i) Sociedade Esportiva União (S.E.U) - fundada em 31 de março de 1983, como uma forma de reunir amigos para a prática de futebol nos finais de semana, visto que os encontros durante a mesma são dificultados pelas atividades do dia a dia. Em sua sede, localizada na lateral do campo e adjacente ao muro do posto de saúde (figura 2a), ocorrem principalmente atividades sociais pós-jogos, nas quais os jogadores e amigos partilham de conversas, músicas, bebidas, comidas e danças, a chamada “resenha”. No local, construído também em autoconstrução, há mesas e cadeiras e um sistema de som, utilizados nos dias de jogos, todos adquiridos através de vaquinhas dos próprios membros, bem como uma piscina construída nos fundos da sede.

ii) Juventus - No âmbito do futebol amador, o bairro de Bodocongó contou com diversas agremiações durante as décadas de 1970 até meados dos anos 1990, quando ocorreu a sistemática diminuição dos mesmos em decorrência de questões que trataremos posteriormente. Dos clubes remanescentes, o Juventus se destaca pela sua longa periodicidade na prática esportiva no Severino Cabral, visto que foi fundado na primeira metade dos anos 1980 (o ano inicial é incerto), história essa marcada por títulos de competições diversas no município. Apesar de seu histórico, o clube atualmente se encontra em um hiato, buscando se reestruturar para a volta de suas atividades, sobretudo para a realização do jogo considerado o clássico da feirinha, contra o seu rival Santa Cruz. Em sua sede, localizada ao lado do racha (figura 2b), encontram-se os troféus que simbolizam essa história.

iii) Santa Cruz - O outro clube amador ativo na feirinha de Severino Cabral é o Santa Cruz, inspirado no homônimo pernambucano, inclusive utilizando seu símbolo e cores. Assim com o Juventus, a data de sua fundação é incerta, havendo controvérsias sobre ser nos anos 1970, como relata Jadilson Barbosa Cabral, atual presidente e irmão de um dos fundadores da agremiação. O mesmo relata que o clube surgiu em outro local do bairro, sendo transferido posteriormente para a atual feirinha, estabelecendo assim uma rivalidade direta com o Juventus. Sua sede atual é o espaço que servia como associação dos moradores do conjunto (figura 2c), tendo este transferido para outro espaço também nos arredores do campo, deixando o prédio para o clube. Apesar da improvisação ocorrida na sede, segundo Jadilson, há um planejamento de reforma do espaço para a melhor acomodação de materiais e para

preparação dos jogadores no pré e pós jogos. Cabe destacar que, o futebol amador do município é uma atividade permeada pelas relações entre homens, visto que não há uma liga ou clubes conhecidos formados exclusivamente por mulheres ou que aceite mulheres em seus quadros. Nesse sentido, as mulheres no universo do Santa Cruz, por exemplo, são em maioria, esposas, namoradas ou filhas dos jogadores, que acompanham os jogos e torcem pelo clube.

Figura 2: sedes das agremiações presentes na feirinha. Na figura 2c é possível ver alguns jogadores mobilizados para uma partida, assim como espectadores sentados no bar, em sua maioria negros, sendo todos trabalhadores.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Essas agremiações partilham do campo em comum, compondo a paisagem da feirinha no dia a dia, com as sedes demarcando o espaço, exaltando as cores e símbolos dos clubes. Porém, é nos dias de jogos em que clubes e o bairro de fato se entrelaçam, com a movimentação de agentes de dentro e fora da área do bairro, revelando outros elementos descritos a seguir.

5. O CAMPO EM DIA DE JOGO

Ao chegar nos finais de semana, sobretudo o domingo, o campo passa por uma transformação a partir do seu uso, pois com a realização de jogos, o espaço passa de um local sem movimento para um ambiente que encadeia relações sociais diversas, como os encontros para a preparação do espaço com adereços dos clubes, as conversas nos bares do local, o encontro nas sedes do clubes e afins, apresentando assim uma paisagem diferente daquela observada durante a semana. A primeira expressão observada no local é a sonoridade, ouvida ao longe, seja pelos gritos dos jogadores, torcedores e espectadores, seja pelos sons mecânicos, através de caixas e “paredões de sons” montados nos arredores do campo, que ainda são acrescidos com frequentes barulhos de fogos de artifícios.

A partir do campo, com jogadores e árbitro realizando a atividade principal, observa-se o entorno ocupado por torcedores e espectadores acomodados nos quatro pontos do campo,

de diversas formas. Encontramos ao lado do campo adjacente a feirinha, uma espécie de meia arquibancada, construída pelos próprios associados do racha, sendo a parte onde ocorre maior aglomeração, visto que também ocorre uma maior arborização. É nesse lado também que estão presente os bares e as sedes das agremiações, o que também é vista na disposição de cadeiras de bares e aparelhos de som. O lado oposto do campo é o espaço onde geralmente ficam os torcedores e espectadores dos clubes visitantes, o que apresenta uma certa divisão espacial de torcedores, da forma que ocorre nos jogos do futebol profissional, sendo comum a disposição de faixas e outros materiais alusivos ao clube, como uma forma de marcar o território. Apesar dessa divisão aparente do espaço, segundo os participantes, prevalece o sentimento amistoso, uma vez que todos ali são trabalhadores que buscam se divertir. No universo do futebol em geral, o espaço de prática esportiva foi historicamente relegada aos homens. No caso do futebol brasileiro, a participação das mulheres foi desde o começo alvo de perseguição, tanto pela opinião pública de então, quanto pelos órgãos públicos. Entre 1965 e 1983, quando há de fato uma regulação, a prática feminina do futebol foi proibida por lei, o que comprometeu durante uma grande parte do século XX, a associação e prática por parte das mulheres (Lima, 2018).

Segundo Jadilson, há uma relação positiva entre os clubes e um bar que fica ao lado da sede do Santa Cruz, pois, segundo ele, os jogos atraem uma freguesia nos dias de jogo que não é verificada em dias em que estes não ocorrem. Para Roberto da Silva Santos, um dos organizadores do racha, a relação entre as agremiações e os comerciantes poderia ser melhor, já que em suas palavras: “Nós fazemos o jogo que atrai o pessoal e eles são os que melhor aproveitam para vender bebida e tal, era pra eles contribuírem de alguma forma, já que é tudo do bolso da gente as coisas aqui”.

A parte financeira também é uma questão importante na vida do campo e dos clubes. Para além da relação com os comerciantes e suas possíveis participações na questão do campo, os entrevistados apontaram a falta de apoio e incentivos por parte do poder público. De acordo com vários dos entrevistados, o futebol amador, em geral, é levantado como bandeira de campanha de candidatos locais, ocorrendo inclusive o “patrocínio” de padrões de jogos e churrascos, porém, após o período eleitoral, esses políticos viriam a esquecer o futebol amador. A manutenção dos campos é vital para a continuidade dos jogos, e para tal, Chico Falcão conta que ele é um dos que realizam o trabalho de limpar o campo durante a semana, cobrando assim uma assistência da prefeitura para o uso do maquinário, visto que seria um local público. Ainda nesse sentido, Roberto relatou que após um período de chuvas no ano de

2022, o campo ficou impraticável para o esporte, o que necessitou de uma manutenção com areia e massame para tapar os buracos, para a qual a verba de 500 reais saiu dos bolsos dos próprios jogadores.

Figura 3: Aspectos do campo e extracampo em dia de jogo.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Com a ocorrência de jogos em tempos cada vez mais tecnológicos, as novas ferramentas de mídia digitais foram sendo incorporadas pelos promotores da modalidade amadora no município, valendo-se de sites, blogs e transmissões de vídeos *in-loco* das partidas.

6. O CAMPO PARA FORA DO BAIRRO: TRANSMISSÃO DE JOGOS VIA INTERNET

Através da popularização da internet e chegada das redes sociais no Brasil, em meados dos anos 2000, surge um novo espaço para o futebol amador. Apesar de ocorrerem previamente em alguns locais, tais como Curitiba, a transmissão dos jogos dessa modalidade via rádio local (OLIVEIRA, 2014), a internet trouxe novas possibilidades para o futebol amador em sua autopromoção, registros, informações e, sobretudo, a transmissão de jogos na íntegra ou de lances específicos. As redes sociais, como o Facebook, ajudaram os clubes a organizar e divulgar os jogos e campeonatos de forma mais prática, visto que os contatos dos clubes se ampliam e formam uma verdadeira rede em que se conectam clubes de todo o município e arredores. Há ainda o papel de blogs que se concentram em resenhar alguns desses jogos, como o de Gabriel Pereira Sousa³ que em 2019 resenhou o último clássico da feirinha, jogo entre o Santa Cruz e o Juventus, pela 30ª Copa do Severino Cabral, onde se apresenta vídeos e fotos da partida (figura 3)

Figura 4: bandeiras dos clubes no clássico da feirinha, jogo realizado em 2019.



Fonte: Gabriel Pereira Sousa, 2019.

Outras iniciativas surgidas com o advento dos blogs é o Futebol de Pelada CG⁴, blog descontinuado que tinha como objetivo catalogar os clubes amadores de Campina, trazendo a história dessa modalidade no município e divulgar as tabelas de jogos. Apesar do blog ter sido

³ <https://gabrielpereirasous.wixsite.com/>

⁴ <https://futeboldepeladacg.webnode.com.br>

descontinuado, é possível conhecer alguns dos clubes que estiveram ativos durante o período de criação da página, ano de 2013.

Com o surgimento em 2005 da plataforma de publicação de vídeos Youtube, começaram a surgir canais voltados para a divulgação do futebol amador em todo o território nacional. Nos dias correntes, são incontáveis iniciativas nessa plataforma destacando clubes e campeonatos, desde grandes centros até em locais menores e menos populosos, como os interiores dos estados. Em 2011 a plataforma passa a ofertar a transmissão de vídeos ao vivo, populares *lives*, o que proporcionam uma novo espaço para o futebol amador, com a criação de canais especializados em transmitir os jogos de ligas diversas, o que ocorre também em outras plataformas.

Na Paraíba, surge em 2017 o canal Futebol Amador Paraíba, voltado para a transmissão dos jogos amadores do estádio, bem como a realização de entrevistas com técnicos, jogadores e torcedores dos clubes. Em 14 de Maio de 2023, o canal em questão transmitiu a final da 6ª Copa Dimas Andrade, torneio reunindo clubes da zona oeste de Campina Grande, que ocorreu no campo Carecão, no bairro Malvinas, entre os clubes Santa Cruz de Severino Cabral, e o Cruzeiro do Jeremias, (figura 4) tendo saído vitorioso a primeira agremiação. Durante a transmissão da partida, que contou com um pico de 67 acessos simultâneos, foi possível observar comentários de pessoas que não residem no estado (Brasília) ou no país (Portugal), e que se mostraram conhecedores dos clubes ou de atletas específicos, mostrando assim uma rede de conexões que são criadas a partir da comunidade e que continua mesmo com as mudanças de domicílio.

Figura 5: Comemoração da torcida do Santa Cruz pelo título da 6ª copa



Fonte: reprodução do canal FutebolAmadorParaiba, 2023.

Por esse aspecto, observamos que as relações entre o local e o global, apontada por Campos (2009), é apresentada de forma como se caracteriza o espaço de prática amadora e comunitária, procurando seguir ditames que ocorrem na prática profissional, como a divulgação pela mídia sobre os clubes e os resultados dos jogos, assim como na transmissão das partidas para outros públicos, seguindo os limites que as próprias condições materiais e financeiras impõem.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado em um senso comum, no geral o futebol é percebido como um simples entretenimento, um passatempo ou, pejorativamente, uma forma de se abstrair dos problemas da sociedade, o popular “pão e circo”. Essa visão foi transmitida através das gerações, pautada sobremaneira no uso do futebol, representado na seleção brasileira, em momentos críticos da política nacional, pelos governos incluindo os militares. Assim, mesmo o público do futebol, aqueles que consomem diariamente através de mídias cada vez mais especializadas, não observam o fenômeno para além das quatro linhas, ou mesmo para os bastidores das organizações e suas ações, repetindo-se o jargão “não quero política no meu futebol”. Apesar dessa visão estreita e idealizada do esporte, como se este ocorresse em um ambiente apartado da sociedade, é cada vez mais frequente as manifestações que extrapolam essa visão e alcançam a cobertura midiática, como as discussões raciais e de gênero, e que suscitam o debate desses temas no restante da sociedade, assim como outros sobre pertencimento local, religiosidade ou proibição de drogas.

No campo do futebol amador, que ocorre mais próximo das comunidades, os agentes que o produzem são aqueles mesmos que participam do cotidiano dos bairros, sendo os moradores e trabalhadores que, ao buscarem se divertir através do esporte, o organizam de forma autônoma, agindo como idealizadores, promotores e executores de jogos amistosos e torneios, bancando suas premiações e improvisando sua transmissão. Assim a atividade dos clubes e da comunidade se confundem na medida em que, mesmo a disponibilidade de algum jogador para o certame depende de condições de vida alheios às práticas esportivas, como algum outro evento no horário, um horário extra de trabalho ou até uma ressaca de uma noite anterior.

À medida em que as cidades crescem, também surgem a necessidade por novas áreas para assentar esse crescimento, o que coloca em xeque a permanência de clubes diversos visto que estes dependem de um campo na proximidade, o que é interrompido pela construção civil.

No caso da feirinha, o campo faz parte um complexo que fora construído por demanda comunitária pelo poder público, voltado para o lazer dos habitantes que chegaram com o conjunto, mas como apontou Chico Falcão, não havendo qualquer garantia de sua permanência frente a alguma necessidade mais premente. Nesse sentido, cabe ao poder público um modelo que faça com que os moradores de comunidades em todas as partes do município tenham acesso a espaços de lazer e sociabilidade como os campos de futebol amador, aproveitando da popularidade cultural do esporte e do histórico em Campina Grande que essa modalidade provém.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Uma geografia do futebol amador: espaços de representação do futebol amazonense a partir do "peladão". 2009. 366 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

LIMA, Ananda Cristina dos Santos; PINHEIRO, Thais Gabrich Gueiros. “Deixa as garota brincá”: a resistência na prática do futebol feminino frente a sua proibição (1941-1965). *Aurora*. Niterói, v. 1, n. 1, p. 49-56, 2018.

MARQUES, Walfredo. **A história do futebol paraibano**. João Pessoa: Ed. A União, 1975.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MEDEIROS, Mário Vinicius Carneiro. **Treze Futebol Clube: 80 anos de história**. João Pessoa:Ed. A União, 2006.

OLIVEIRA, Allan de Paula; SOUZA, Hélder Cyrelli de; MACHADO, João Castelo Branco. “Amador? Só no nome”: história e etnografia do futebol amador em Curitiba-PR. 2014, São Paulo. II Simpósio Internacional de Estudos sobre futebol. Simpósio 2014.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. **Cientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.